

MANDE DE VOLTA PARA CASA

Teo Pereira Neto

Alguns atribuem a autoria ao imperador francês, Napoleão Bonaparte. Outros, ao militar alemão, Helmuth Johann Ludwig von Moltke. E há ainda quem afirme ser o marechal inglês, Bernard Montgomery, o verdadeiro autor.



É bem possível que Montgomery tenha tomado a reflexão de Napoleão ou von Moltke e feito as devidas adaptações. Ele, Montgomery, foi um dos comandantes das Forças Aliadas na Segunda Guerra Mundial. Ficou conhecido por derrotar o marechal-de-campo alemão Erwin Rommel, a Raposa do Deserto, em memoráveis batalhas no norte da África.

Polêmicas à parte, a reflexão [ou história] é interessante e continua atual. Facilmente identificada nas mais diversas organizações e, claro, no mundo corporativo. Então, vamos ao tema central deste artigo.

Terminada a guerra, perguntaram ao marechal inglês o critério que aplicava para distribuir funções e postos entre seus comandados.

Montgomery tinha uma técnica muito objetiva para escolher o seu pessoal. Para os oficiais **inteligentes com iniciativa** eram reservadas as missões de maior responsabilidade, os postos estratégicos de planejamento, decisão e comando.

Os oficiais **inteligentes sem iniciativa** deviam ser monitorados; como não são nada ativos, é melhor que cumpram ordens e sigam à risca as orientações superiores. Já os oficiais **burros sem iniciativa** eram nomeados para missões operacionais. Apenas executar, pensar menos. Se você acha que chamar alguém de “burro” é injusto, politicamente incorreto, traduza por incompetente ou ignorante.

E os **burros com iniciativa**? Neste caso, respondeu o militar, **é melhor mandá-los logo para casa**. Burros ativos, com iniciativa, quando colocados em

posição de algum destaque, põem em perigo a sorte do Exército. E mesmo que não recebam funções importantes, burros ativos não se intimidam, tomam a iniciativa, não consultam ninguém e resolvem agir por conta própria. O resultado é geralmente desastroso.

E nas empresas, escolas e organizações em geral, como estruturamos o capital humano? Precisamos compor a equipe com talentos diferenciados, mas que atuando em conjunto, consigam se completar de forma harmônica, atingindo a tão desejável sinergia empreendedora.

Precisamos de gente criativa, com visão de futuro e coragem para inovar e arriscar. De colaboradores que planejem, que tenham os pés no chão, pulso firme e rédeas curtas no controle das operações. De outros que “carreguem o piano”, que façam acontecer. E de integradores, profissionais com habilidades para “baixar a temperatura”, exercer o poder moderador e contribuir na resolução de conflitos.

O que não precisamos mesmo, e devemos evitar a todo custo, é dar espaço para os **incompetentes com iniciativa**. Seja rápido, não vacile, mande estes caras de volta para casa. Lá o estrago será de responsabilidade apenas deles.

Teodoro Luiz Pereira Neto é executivo da área educacional.
teodoro.pereira@uol.com.br